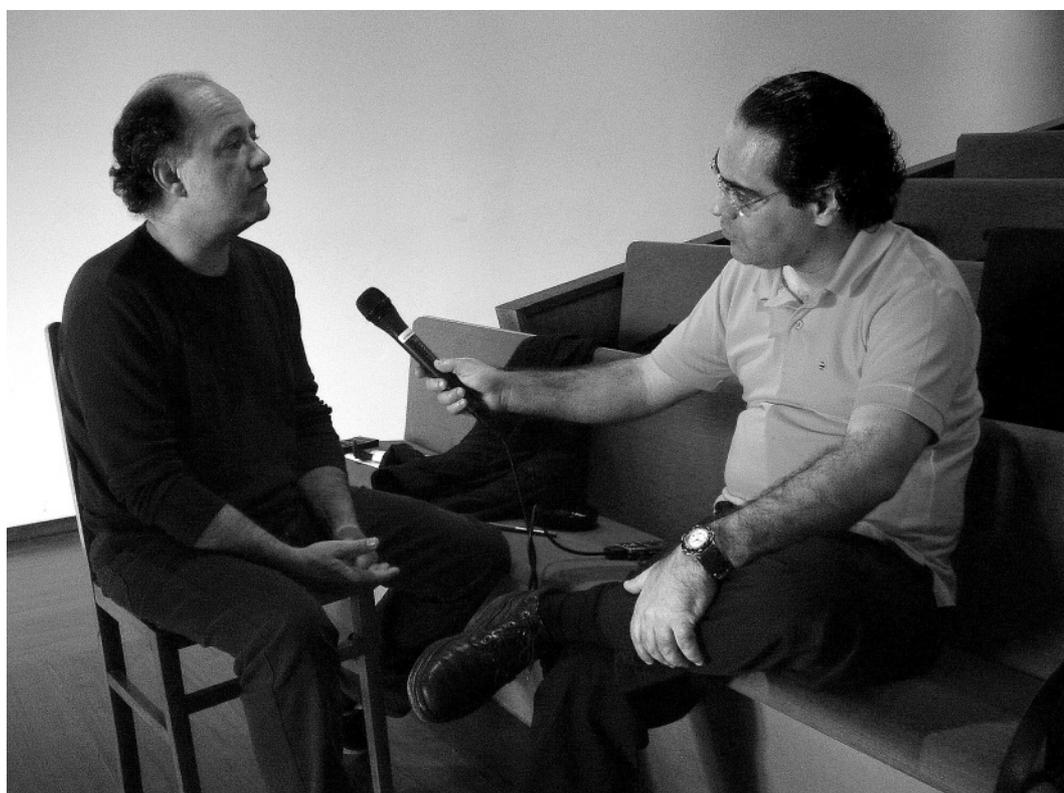


# Atrás da máscara

## Unir povos através da Rádio

João Costa Dias



<

João Paulo Seara Cardoso  
entrevistado por  
João Costa Dias,  
fot. Helena Marujo.

No dia 20 de Fevereiro de 2008, após a síntese informativa das 23 horas, foi transmitida na RDP África a primeira edição do programa "Atrás da máscara – O teatro na Lusofonia". Deu-se, assim, início à concretização do projecto idealizado uns meses antes em parceria com Rodrigo Francisco, actual director-adjunto do Teatro Municipal de Almada. A consciência da importância da divulgação das actividades teatrais surgiu-me durante um debate em directo, a partir do Festival de Teatro de Almada, do programa "Debate africano", que então eu moderava, e onde, além do painel de comentadores habituais<sup>1</sup>, participou Joaquim Benite, director do Festival e da Companhia de Teatro de Almada, bem como demais público presente na sala. Tornou-se evidente a necessidade de um programa na rádio portuguesa – e também na dos restantes países lusófonos – dedicado exclusivamente ao teatro. Em Portugal, o cinema manteve a sua autonomia com programas próprios em rádios e televisões, mas o mesmo

não sucedeu com o teatro, que se viu remetido para os chamados programas de artes, onde cabe um pouco de tudo, ou seja, muito pouco ou quase nada, tal a necessidade de repartir todas as artes pelo período atribuído a esses programas.

Na RDP África, que assinala 15 anos de existência em Abril de 2011, nunca antes o teatro tinha tido um tratamento autónomo, sendo apenas referido pontualmente em pequenas peças para noticiários ou inseridas em programas da responsabilidade da jornalista que trabalha maioritariamente a área da literatura. Com a aprovação – por parte do actual director da RDP África – da minha proposta de criação de um programa sobre teatro no espaço lusófono, iniciou-se assim um processo de autonomização do teatro enquanto objecto e matéria de informação.

As vantagens são evidentes. Há um acompanhamento sistemático das actividades teatrais das companhias,

<sup>1</sup> O programa "Debate africano", da RDP África, transmitido aos domingos entre as 10 e as 12 horas, tinha então um painel de comentadores constituído por Eduardo Fernandes (Guiné-Bissau), Luís Carlos Patraquim (Moçambique), José Luís Hopfer Almada (Cabo-Verde), Kiluange Tiny (São Tomé e Príncipe) e Maria Alexandre Dáskalos (Angola). Numa emissão em directo a partir do Teatro Municipal de Almada, no dia 8 de Julho de 2007, o programa – realizado em associação com o festival de teatro então a decorrer – foi inteiramente dedicado ao teatro.

João Costa Dias,  
Mestre em Estudos Africanos pelo ISCTE, é jornalista na RDP África, sendo autor e animador do programa "Atrás da máscara".

grupos e criadores, dando voz àqueles que dificilmente, a não ser de forma onerosa, teriam acesso à comunicação social nos respectivos países. Por exemplo, foi o "Atrás da máscara" que deu a conhecer, fora de Moçambique, a existência de um grupo com cerca de 3 mil membros: refiro-me ao Grupo de Teatro do Oprimido de Maputo, liderado por Alvim Cossa.

O conhecimento da realidade teatral em África, e concretamente em cada um dos países lusófonos, tem sido um propósito que ao longo do tempo temos vindo a prosseguir, abrindo vias ao intercâmbio teatral, nomeadamente em festivais internacionais e noutras estruturas de promoção cultural.

O convite efectuado por Augusto Barros, presidente da Associação Cena Lusófona, para acompanhar a estação Cena Lusófona - que se realizou em Coimbra, de 3 a 6 Dezembro de 2009 - constituiu um dos primeiros reconhecimentos da importância estratégica de um programa de rádio como este (até agora único) para o teatro lusófono, assumindo-se como um meio privilegiado de divulgação das suas actividades e dos seus problemas.

Decidida a relevância e a oportunidade de um programa dedicado ao teatro, colocaram-se algumas questões práticas quanto à sua feitura. A primeira questão com que nos deparámos foi a escolha de um título, que devia chamar a atenção para os diferentes auditórios da estação. Se na Europa o teatro é geralmente entendido como uma representação para um público num determinado local (palco, convencional ou não), no caso de África, a representação era tarefa dos contadores de histórias, que assim preservavam as tradições e a memória colectiva, num espaço específico, geralmente à volta de uma fogueira. A utilização da máscara nessas ocasiões não era um mero recurso técnico ou artístico, pois a representação remetia muitas vezes para o domínio do divino. As linhagens nos sistemas de parentesco, tão importantes ainda em África, encontram a sua origem

nesse cruzamento do sagrado e do humano. A representação dos feitos heróicos - visando a construção e a reconstrução de identidades sociais de pertença - faziam remontar esses feitos até ao divino. Este é um assunto já muito abordado pela antropologia e só nos socorremos destes dados para sublinhar a importância da máscara na génese do teatro africano. Mas a máscara é também um elemento comum ao teatro ocidental - desde a antiga Grécia à *commedia dell'arte*... - ainda que o teatro ocidental tenha surgido durante a crise da religião tradicional face à emergência da *polis* enquanto organização política. A máscara tem uma função contraditória porque se, por um lado, esconde e dissimula, por outro, revela e mostra. Revelar ou trazer à luz uma luz divina, que não pode ser encarada directamente pelos homens sem que sobre ele recaia uma penalização, exige uma mediação. O espectador/participante acolhe uma "verdade". O actor, ou, mais correctamente, o contador de histórias africano, o *griot*, não é um mero homem: está possuído na sua função pelas entidades divinas, não podendo ser olhado directamente. A máscara, ao esconder o actor, permite ao espectador vê-lo sem temor. Mesmo quando no teatro ocidental a máscara cai em desuso, ela não desaparece totalmente. Aí, é o actor que se transfigura em máscara, visto que nas suas funções não é ele próprio, mas um outro, que o espectador vê.

A centralidade da máscara na concepção do teatro justificou, pois, a escolha do título para o programa e, de certa forma, definiu a sua missão: por um lado, divulgar as actividades teatrais de companhias e grupos dos diferentes países lusófonos, para que o público possa, assim, a elas aceder directamente e, por outro, dar conta das preocupações e problemas concretos que se colocam aos profissionais das artes performativas desses países. Se o título e o âmbito do programa encontravam assim a sua definição, tivemos ainda de levar em conta as diferenças existentes no teatro tal como se faz no ocidente



<  
Carla Galvão,  
Eloisa Elena  
(da companhia paulista  
Barracão Cultural),  
Miguel Seabra  
e Fernando Mota, com  
João Costa Dias,  
no FESTLIP,  
Julho de 2010,  
fot. Helena Marujo.

– sobretudo na Europa, e em particular em Portugal – e o teatro africano.

Este, na sua concepção moderna, ganhou um fôlego novo com o surgimento dos movimentos emancipalistas no que vieram a ser os países africanos lusófonos, ao tornar-se instrumento de tomada de consciência das populações locais, confrontadas com novas realidades sociopolíticas surgidas da introdução de novas estruturas de poder, naquilo que os cientistas sociais definem de Estado colonial. Não entrando em questões de definição e de construção de conceitos, como os de Estado, colonização e colonialismo, cingir-nos-emos apenas ao carácter social do teatro, isto é, abordando temas de interesse comum, profundamente comunitário, um cariz que, aliás, manteve mesmo após alcançada a Independência em cada território.

Na actualidade, a diferença é a perda do cariz eminentemente político, que se mantivera durante os regimes de partido único. Esse facto resulta, em grande parte, das alterações económicas, políticas, sociais e culturais, que se verificaram na sequência da queda do Muro de Berlim, com o fim do sistema mundial de blocos, e o advento das ideologias da globalização e do neo-liberalismo. No âmbito do sistema que se tem vindo a implementar, verifica-se a depreciação dos termos de troca e a sujeição dos países africanos aos programas de ajustamento estrutural, com as consequentes exigências de boa governação impostas pelas instituições multilaterais, como o Banco Mundial e o FMI, num processo designado de "emagrecimento" do Estado.

No entanto, se o cariz político se esbateu, as exigências sociais não diminuíram. A perda de valores em sociedades afectadas pela crise gerada com o esvaziamento dos Estados pós-coloniais, ao lado do aparecimento de fenómenos sociais novos, como o alastramento da epidemia de HIV/SIDA, ou a marginalização a que se viram votadas largas franjas das populações, mantiveram o

teatro como instrumento de consciencialização das populações, integrando a argamassa da construção de um sentido de cidadania.

Uma vez escolhido o título para o programa, a fase seguinte consistiu em definir que conteúdos utilizar e como fazê-lo. Como programa, não o pretendemos dirigido a especialistas, mas aberto à generalidade dos ouvintes que, de forma simples, possam aceder às informações sobre espectáculos, ensaios e outras actividades.

Numa primeira fase, optou-se por divulgar quase exclusivamente espectáculos, horários e sinopses. Foi necessário fazer-se um primeiro levantamento dos grupos, companhias e festivais existentes nos espaços lusófonos. Progressivamente, foi-se alargando o acompanhamento informativo a outras iniciativas, como acções de formação, colóquios, lançamento de livros, etc.

A ausência de um ensino das modernas técnicas de teatro em África, onde o teatro sobrevive muito à custa da carolice e da experiência adquirida no dia-a-dia de quem o faz, sem que seja sustentado por um ensino sistematizado desse saber, levou-me a convidar o dramaturgo e encenador A. Branco, que já colaborava com o programa, para falar de assuntos tão dispares como escrita teatral, direcção de actores ou iluminação.

Criou-se assim, em Outubro de 2008, a rubrica "Visões de palco", que tem vindo a funcionar como uma plataforma de transferência de saberes. A cobertura em Dezembro de 2009, em Coimbra, do I Encontro Internacional sobre Políticas de Intercâmbio Teatral, que juntou representantes das mais importantes companhias de Portugal e dos países lusófonos, bem como directores dos três festivais de teatro de língua portuguesa que se realizam no Brasil, constituiu para o programa "Atrás da máscara", um momento privilegiado de aprofundamento de relações e da abordagem da realidade teatral nos diferentes locais.

Aliás, uns meses antes, em Setembro, a concretização da primeira edição da MITO – Mostra Internacional de

Teatro de Oeiras, que trouxe a Portugal grupos representativos dos países lusófonos, possibilitou um primeiro estabelecimento privilegiado de contactos, facilitando a comunicação de eventos ao programa. Por outro lado, a inexistência de programas do género, sobretudo nos países africanos lusófonos, contribuiu para a inércia até então vigente, no que respeita ao envio de informação, pelos mais diferentes meios, como o fax ou email por exemplo, dando a conhecer as respectivas estreias, ensaios e representações, atitudes normais em países como Portugal ou Brasil, mas não na África lusófona.

Também, a cobertura que o "Atrás da máscara" fez da terceira edição do FESTLIP, que decorreu no Rio de Janeiro de 14 a 25 de Julho deste ano, permitiu alargar o contacto com as realidades teatrais lusófonas, intensificando os já existentes, e contribuindo assim, no interesse de todos, para o aprofundamento da promoção do teatro lusófono.

As novas plataformas constituem um recurso precioso na elaboração do "Atrás da máscara". Desde Outubro de 2009, que o programa se encontra disponível no podcast da RTP ([http://www.rtp.pt/web/podcast/gera\\_podcast.php?prog=3133](http://www.rtp.pt/web/podcast/gera_podcast.php?prog=3133)) e há cerca de meio ano que marca presença no Facebook (<http://www.facebook.com/pages/TEATRO-NA-LUSOFONIA-ATRAS-DA-MASCARA/327601739550>). Sobretudo o *Facebook*, com as suas funcionalidades interactivas, permite recolher muita da informação que vai sendo utilizada. A página constitui um complemento importante ao suporte rádio, permitindo chegar a públicos novos, que podem até nem ouvir rádio. O facto de não ficar restrito às horas das duas emissões do programa, às quartas-feiras, dá a estes ouvintes um maior conforto e, por outro lado, permite-lhes muito mais facilmente o envio de informações.

Deve-se no entanto salientar que, embora o grupo de seguidores – que ultrapassa já os dois mil – seja constituído por muitas das principais companhias e grupos de teatro, bem como por actores, encenadores, críticos e dramaturgos,

não se restringe apenas a estes profissionais, pois encontramos entre eles quem gosta somente de apreciar, nos palcos, a arte de representar.

O potenciar desta página no *Facebook*, o aproveitamento do novo sítio da RDP África na internet, bem como a constituição de um blogue, são metas a concretizar nos próximos tempos, uma vez que podem dar maior visibilidade aos conteúdos noticiosos de teatro. Porém, a construção de parcerias com instituições e organismos com presença na internet são também de ter em conta, visto o funcionamento em rede possibilitar o desenvolvimento de novas oportunidades, sobretudo para as companhias de teatro e seus profissionais, sendo o público o grande beneficiário de tudo isto. Mas é ao nível do tratamento de informação que as novas plataformas introduzem mais vantagens. Ao alcance de um clique, qualquer pessoa pode dar a conhecer o que faz a sua companhia ou grupo, bem como a companhia ou grupo da sua predilecção. A propósito disto, refiro um caso de uma amiga, profissional da comunicação social em Moçambique, que um dia me enviou informação de um grupo de teatro que integra. Avaliou-se a relevância da informação, falei com o encenador do espectáculo e incluí a sua referência no programa. Contou-me ela que toda a gente lhe perguntava como é que tinha conseguido que fosse noticiado no "Atrás da máscara"... O que ela fez... qualquer um pode fazer. E já muitos o fazem. Os espectáculos não são de certeza conhecidos se não se derem a conhecer. E o "Atrás da máscara" está ao serviço da divulgação de todo o teatro no espaço lusófono.